

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois então o capitão chegou, como eu criei esse questionário para os trabalhadores fazerem o levantamento, ele chegou pra mim e falou assim, lá em João Pinheiro...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Marçal, no caso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu acho que é Marçal, não tenho certeza não. “Ô Rômulo”, ele parou do carro no outro lado, assim, tinha quatro pessoas dentro do carro, “Vem cá, Rômulo”, ele me viu. Cheguei lá: “E aí, como é que vai, tenente?” e tal. Falou: “Eu fiquei sabendo que vocês estão reivindicando as apropriações da fazenda Estrela, é verdade?”, eu falei: “É”, “Por quê?”, “Uai, porque lá, com base nos dados que nós temos, lá se caracteriza como latifúndio improdutivo”. Ele falou: “Qual dado você tem? Você tem os dados de lá?”, falei: “Tenho”. Ele falou assim: “Como que você pegou esses dados?”, falei: “Uai, eu criei um questionário”, expliquei pra ele e tal, “para os trabalhadores levantar, e eles foram pra lá e andaram tudo lá e levantaram”. “Você confia nos dados?”, falei: “Confio nos dados que tem aí comigo, eu confio”, “Por que você confia?”. Eu falei: “Porque a pessoa que fez, ou as pessoas que fizeram são pessoas sérias, não duvido nada do caráter”, “Você tem cópia desse negócio aí?”, eu falei: “Tenho”. Ele falou assim: “Já preenchido, você tem?”, falei: “Tenho”, “Você me dá uma cópia”. Falei: “Dou. Você me aguarda um minutinho”. Fui lá, peguei uma pasta, bonitinha, trouxe. Falei: “Tá aqui”. Estava vindo um carro na hora, parado na rua, (Trecho Incompreensível) um carro, passei do outro lado assim e entreguei pra ele. Ele falou: “Ô Rômulo, se você precisar de alguma coisa, você já sabe, você me liga e tal”, falei: “Tá bom”, aí despedi dele. Aí na hora que uma das pessoas que estava atrás foi despedir de mim, falou assim: “Tchau, mané”, eu falei assim: “Pera aí”. Falei: “Como é que é, rapaz? Tchau mané?”. O Capitão chegou: “O senhor me permite eu falar uma coisa aqui?”, ele não falou nada. “O senhor me permite? Deixa eu falar uma coisa aqui. Posso falar?”, ele falou: “Pode”, “Dá próxima vez que o senhor voltar aqui, o senhor não traz esse cara aqui mais não”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que era policial também?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Pode ser quem for. Pode ser o que for na vida, sabe? Mas eu suponho que seja também. Falei: “O senhor não traz ele aqui mais não, que eu

prefiro o senhor bem acompanhado do que andar com um babaca desse aí. Agora, se você acha que eu sou mané mesmo, você desce do carro aí. Desce”. “Eu vou fazer um pedido para o senhor, capitão, esse aí o senhor não deixa ele como P2 aqui não, não me responsabilizo por você se você for fazer uma ocupação de terra que eu estiver não. Tô te avisando, viu?”. Nunca mais eu vi o cara. É claro que o capitão chamou a atenção dele. Mas não é assim não, ué. Por que eu tô colaborando, o que eu entreguei para a polícia é coisa conhecida, não tinha nada demais. É apenas a caracterização produtiva do imóvel. Não tinha nome de trabalhador, não tinha nome de ninguém, era coisa minha. Não tinha nome de ninguém, eu não estava entregando ninguém, eu estava mostrando pra ele que eu tinha uma metodologia, e qual é o problema? Porque o imóvel, para ele ser desapropriado, ele tem que ter as características para desapropriação. Apenas mostrei isso pra ele. Não tinha nada demais ali. É porque eu fiz isso que o cara vem debochar da minha cara, como se eu fosse idiota? Então tô te falando uma coisa que era, né. Mas o importante dentro disso é que tanto os P2 que acompanharam lá na época, quanto o Djalma, eles foram, que eu acho assim, não posso reclamar deles não. É claro que a polícia chega com ordem judicial para despejar trabalhador. A gente vai gostar disso? Não. Claro que não. Mas eles, sempre que a gente pedia eles: “Escuta, deixa ficar mais uns dias aqui, porque tem umas coisas que nós tão resolvendo aí e tal”, sempre foi possível dialogar com o Djalma quando... você vê que é tanto, que olha a quantidade de assentamento que tem no noroeste de Minas. A quantidade que tem. Quero te falar que todos eles, todos não, menos alguns em Unaí, e um em Bonfinópolis, o resto todinho foi com base no método que eu criei, viu? Que eu criei um método pensando assim: se eu morrer, ele vai ficar aí como método de luta dos trabalhadores.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. O senhor mencionou a questão de ter conhecido pessoas que foram assassinadas, citou a situação do Natal. Há outras situações que o senhor gostaria de...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tem...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...ou de ameaças também, que o senhor presenciou.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, ameaças eu nem sei quantas que eu tive, não vou tomar seu tempo com tanto tempo de ameaça.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas a gente gostaria de ouvir. Se tiver o máximo de detalhes em relação a um fazendeiro ou um agente público...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ó, ó. A coisa mais, assim, vamos dizer assim, de todos os casos, que foram muitos, mas foi, aconteceu inclusive com a Sônia. Um dia nós estávamos no sindicato lá em João Pinheiro, chegou o filho de um latifundiário, já morreu, ele já morreu...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual o nome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Chama-se Ivan. Ivan de Freitas. Chegou no sindicato perguntando pelo Tião. Lá na casa, na casa, sabe, perguntando pelo Tião. O Tião não estava. “Eu vim aqui porque eu vou assassinar o Tião, vou matar o Tião, viu? Tô avisando vocês”, ele falando, “que eu vou matar o Tião”, e tal. E aí a Sônia tinha entrado com uma ação trabalhista contra a mãe dele, tinha poucos dias, a Sônia tinha ganho uma ação trabalhista contra a família dele, um trabalhador rural. E aí a Sônia ouviu ele ameaçando o Tião de morte, eu estava assim, na mesma sala, eu perguntando pra funcionária (Trecho Incompreensível). Aí a secretaria do sindicato, a recepcionista e tal, sentada assim numa escrivaninha e eu em pé com um rapaz, nós dois estávamos conversando, chama Silvano, nós estava conversando, sabe? E ele chegou ameaçando o Silvano, afastou pra cá, assim, sentou numa cadeira, e a Sônia veio de lá de dentro, chegou lá na porta, assim, quando ele viu a Sônia ele falou: “Ó, e a primeira que eu vou matar é você, viu?”. A Sônia virou e falou assim: “Mata nada, cachorro”. Minha filha! Ele partiu de lá pra pegar a Sônia. Eu nem sei o quê que eu fiz, mas eu só sei, assim, que eu agarrei ele e joguei ele fora do sindicato. Peguei ele pelo pescoço e botei lá fora do sindicato. Aí ele entrou dentro do carro dele, acho que pegou uma arma lá, pegou uma arma lá, ficou me chamando pra fora, tinha uma pilastra em frente a uma varandinha, assim, uma pilastra em frente, assim, eu fiquei escondido atrás da pilastra, com medo de ele entrar armado dentro do sindicato e matar a Sônia, porque ele estava ameaçando de matar a Sônia e o Tião. Tá bom.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso pela questão dos direitos trabalhistas?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, conflito agrário.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Conflito agrário.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Porque ele tinha ficado sabendo que o Tião estava reivindicando a desapropriação da fazenda deles, e que ia organizar os Sem Terra para invadir a fazenda dele. Inclusive falou assim, e quem tinha falado isso pra ele era um tenente que estava lá na cidade de João Pinheiro, olha pra você ver, ainda tem envolvimento da polícia no meio. Eu estava até, tinha até esquecido disso. Aí ele tá lá no carro lá, assim, numa posição como se estivesse armado, e eu atrás do pilar, foi na mãe dele, chegou, a mãe dele chegou, conversou com ele e ele saiu. Quando passou mais ou menos uns cinco minutos, dez, no máximo, o presidente do sindicato patronal foi lá. Chama-se Ge Porto.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ge Porto?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, lá de João Pinheiro. Geraldo Porto. Chegou lá: “Olha, é o seguinte, eu fiquei sabendo de umas coisas que estão acontecendo aqui, e o Ivan foi ameaçado aqui” (Trecho Incompreensível), e ele também, o Gê Porto, ele é latifundiário, inclusive é dono de um cartório lá em João Pinheiro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele era dono do cartório e latifundiário?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. E presidente do sindicato.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E presidente do sindicato.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Patronal. Aí depois dele ameaçar muito, eu levantei e falei: “Escuta aqui, rapaz. Quer dizer que o Ivan entra aqui nos ameaçando de morte, depois vem você ameaçar também? Cê tá achando que nós estamos com medo de você?”. “É isso?”, aí o Tião não estava lá ainda, sabe? Ele pegou, achou eu de uma antipatia muito grande, como é que o cara chega pra ameaçar e eu vou tratar ele de que maneira? Com beijo, carinho e abraço? Saiu ele, o Gê Porto não voltou a nos incomodar, mas esse Ivan, ele me ligava todo dia me ameaçando. Ameaçando que ia matar a Sônia e ameaçando que ia me matar. Todo dia, todo dia (Trecho Incompreensível). Foi mais ou menos uns...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer que chama ela?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Hã?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer que chama ela?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, não precisa não. Eu acho que é importante depois se você puder você entrevistá-la. Essa mulher tem mais coragem que você imagina, sabe? Respeito muito ela. Todos os dias ele me ligava. Foi indo um dia... você conhece ela?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A gente fez o depoimento dela.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah! Ela falou isso?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ela não mencionou essa situação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra você ver.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Vou perguntá-la.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que é importante. Nós inclusive fomos ao comando militar aqui, denunciemos o...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso que eu ia perguntar.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Denunciamos o tenente lá de João Pinheiro e eles tiraram ele de lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nome do tenente você se lembra?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro. Não lembro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi apenas realocado.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tirado de João Pinheiro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, tiraram ele de lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas fora a questão da denúncia, houve alguma ação contra o fazendeiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nós entramos com um processo contra ele, de nos ameaçar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas a polícia local fez alguma coisa?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas foi ainda ele morreu sem nunca ter uma audiência. Eu nunca fui chamado na delegacia de polícia. Nunca fui. Nós fizemos a denúncia. Nunca fui chamado



na delegacia de polícia para depor a respeito disso. Nenhuma vez. Ele me ameaçava todo dia. Um dia eu ia passando na rua, é verdade o que eu vou te falar. Como é que foi que ele parou de me ameaçar? Um dia, passando na rua, estava muito irritado com as coisas que tinham acontecido, e ele estava sentado no jardim da pracinha, assim, lá em João Pinheiro, começou a me chamar de todos os nomes que ele me chamava por telefone, sabe? Aí eu não sei de onde foi, que eu tinha muito medo dele, na verdade toda vez que ele me ligava eu falava que eu tinha medo, é verdade. Voltei, sabe, voltei, cheguei lá e ameacei ele. “Ô gente, vocês todos aí, ó, escuta aqui o que eu vou falar pra esse cara aqui: se esse cara aparecer morto, fui eu que matei ele. Esse cara”. Olha, ele falava que ele ia estuprar a Sônia, que ia estuprar a nossa filha pequenininha, ele falava que ia me torturar, e ele me ameaçava de todas as coisas, de todos os jeitos mais perversos do mundo que pode existir, cê pode ter certeza que ele me ameaçava, e eu sempre respondia pra ele com humildade, falando que eu estava com medo dele. Só que eu fui criando um medo dentro de mim tão grande, mas tão grande, mas tão grande, que estava perigoso eu matar ele, de medo. De medo dele me matar. Aí depois que eu reagi com ele, fiz isso, expliquei para todo mundo o quê que é que ele estava fazendo, aí eu acho que os amigos dele vai ver aconselharam ele, né, e ele nunca mais me ameaçou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso foi em qual época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, isso deve ter sido em 88, por aí. 90.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas as ameaças começaram em 88, 90, ou já correu durante anos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ameaça sempre teve.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas desse Ivan, especificamente.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, foi nessa época.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Foi nessa época, né. Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então assim, teve... isso é pra você ver, vai ver que a Sônia também esqueceu, né, que nós dois quase morremos por causa do envolvimento do comando militar de João Pinheiro, o cara ficou irritado, mas vai ver que o tenente também

até falou brincando com ele, porque eles brincam muito com os outros. São muito brincalhões, às vezes até falou brincando e ele achou que era sério isso aí.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Situações com fazendeiros, você se lembra de outras situações, ou de grilagem de terras?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ou de alguns grileiros que...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: (Trecho Incompreensível) Antônio Luciano? Não, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, nós, Antônio Luciano...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você teve algum contato ou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Como é que é?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você teve algum contato?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, o Antônio Luciano, eu vi, aí é uma coisa que eu vi, o Antônio Luciano chegar aqui na Fetaemg, com cinco jagunços ou mais, pra matar o André Montalvão. Ameaçar o André. Ele só não morreu porque ele não reagiu. Isso foi mais ou menos o quê? Em 84, por aí. Eu estava saindo da Fetaemg pra ir comprar cigarro, que na época eu fumava, eu estava saindo pra ir no boteco comprar cigarro, e o Antônio Luciano entrando. E eu não conhecia ele não. Todo mundo engravatado, sabe, de blazer. Naquela época que vestia, botava uma gravata, raramente você via uma pessoa vestir daquele jeito. Ele chegou e falou pra mim assim, eu saindo do portão, ele falou assim: "É aqui que é a Fetaemg?", eu falei: "É", "O André Montalvão tá aí?". Eu falei: "Tá", "Onde é que ele fica aí?", aí eu expliquei pra ele até onde é que o Montalvão ficava, cê pensa bem. Aí fui lá no boteco comprar cigarro. Chegou lá, bebi um café, fumei um cigarro. Quando eu voltei, ele já tinha ido embora, mas estava o maior alvoroço lá dentro da Fetaemg com a ameaça que ele tinha feito ao Montalvão.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O que especificamente que aconteceu lá?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu sei o seguinte, que ele falou para o André a respeito de uma questão de terra, foi conflito agrário, que era para o André parar de mexer aí com desapropriação de uma das fazendas dele. Mas eu não lembro mais qual fazenda que era.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E na região?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro. Não lembro mais qual. Mas provavelmente o André deve lembrar, porque ele sofreu ameaça, eu lembro que depois disso eu comecei a (trecho incompreensível) com o André.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele deu detalhes do que o Antônio Luciano, como ele ameaçou?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. O André conhece. Eu não estava presente na hora, então não vi.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas estava todo mundo preocupado quando você voltou.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Nossa senhora! Eles até passaram a pensar, assim, como é que é o esquema que a gente tinha que montar para as pessoas poderem entrar dentro da Fetaemg, porque o André tinha corrido muito risco de ter sido assassinado. Lá era um salão grandão, com aquele tanto de mesa em volta assim dos diretores, todo mundo ficava na mesma sala. Se tivesse começado a matar um e matasse o resto, era a coisa mais fácil do mundo que tinha.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E houve alguma denúncia dessa situação?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Não sei se teve. Que aí no caso aí foi... quem teria que ter entrado era o André, né. Não sei se ele entrou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. Entendi. Voltando para o noroeste de Minas, o senhor se lembra de situações de assassinato, além do Natal?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu lembro de um senhor baixinho lá em Bonfinópolis, que foi assassinado lá em Bonfinópolis, ele morava na beira da estrada e ele era muito simpático, sabe, chegava lá e sempre falava com um sorriso no rosto. Ele foi assassinado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor se lembra dos nomes?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele era...



CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Dele...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro o nome, mas ele era posseiro que ficava na beira da rodovia, ao lado da rodovia da casa dele. Eu lembro, teve o Natal, teve, por exemplo, o... como é que ele chama, gente? O trabalhador lá de Arinos, que ele foi muito espancado pela polícia, sabe? Ele chegou lá em João Pinheiro, ele era todo desdentado, aquela barbona. Pra você ter ideia, a Sônia e o Tião fizeram coleta de donativos lá pra poder mandar ele pro salão pra cortar, pra poder comprar um sapato pra pôr no pé. Aí lá...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi em João Pinheiro pedir ajuda ou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, ele foi lá encontrar com a Sônia, porque ele reclamava que foi o Márcio Carence que tinha batido muito dele, e que os...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Carence que você mencionou, né, o delegado de polícia.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Sim. Engraçado, eu lembro da fisionomia dele, não lembro mais o nome dele.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer dizer, ele...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas a Sônia sabe quem é também.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O que ele disse para a Sônia?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele disse que tinha sido torturado. Fez uma denúncia contra o delegado, lá em João Pinheiro, mas ele não, não sei se aconteceu alguma coisa, porque quem denuncia alguma coisa contra a polícia, a gente não vê nada que eles faz.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Esse Márcio Carence, ele continuou lá em Arinos...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele era, eu lembro que ele era da cidade de Muzambinho.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Muzambinho.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Montalvão conhecia a família dele lá em Muzambinho.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Montalvão conhecia ele. Mas, e ele ainda ficou um tempo lá em Arinos, sabe? Ele tem um tipo físico, assim, ele andava com aquelas botinhas de saltinho, igual aqueles caras de filmes de faroeste, verdade mesmo. O jeito dele vestir.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então esse trabalhador, ele foi até a Sônia denunciar esse ato de tortura e depois ele foi assassinado?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, ele não foi assassinado não. Ele ainda viveu alguns anos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, então foi especificamente esse ato de tortura contra ele, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, é. Ato de tortura. E esse aí, ele tinha uma posse na fazenda Regalito, aí eu lembro, era na fazenda Regalito, e eu lembro dele falar que ele tinha sido torturado pra sair da fazenda Regalito, abandonar a posse dele.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Por grileiros, no caso. Latifundiários?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Latifundiário tomar a terra dele. Então ele tinha sido espancado pra largar tudo, mas ele não largou não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pela polícia, a mando de fazendeiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei a mando de quem.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas poderia haver aí.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Supõe que sim. Porque...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pra ter motivo, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Qual que seria o motivo de torturar ele pra sair de lá se o fazendeiro não estava no meio? Isso é uma dedução.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então quando ele fez o relato pra Sônia ele contou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...que ele estava sendo pressionado pra...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pressionado não, ele estava sendo espancado e torturado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Além de espancado e torturado, ele foi pressionado antes para...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...largar a posse dele.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, é.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Teve esse caso, eu lembro do Lau, o Lau que era presidente do sindicato de Buritit, reclamar ameaças, o Venceslau. Tinha apelido de Lau. Ele foi assassinado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi assassinado mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que o Lau foi em 90.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 90.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele foi assassinado. Venceslau. Tinha apelido de Lau. Eu lembro de um que chamava João, tinha o apelido de João Papinho, lá do Riachinho. Ele teve todas as benfeitorias que ele tinha na posse dele, destruídas. E a pessoa que destruiu, ficou andando de avião lá, sabe? No dia do, rondando de avião por cima pra ver as coisas dele incendiadas lá por jagunço. Eu lembro, lembro desse...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Cê lembra de algum fazendeiro que se destaca na sua memória em relação talvez à violência? Ou ameaças?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, o que destaca...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Além desse Ivan.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O que mais destaca foi o caso do pai da Cida. Vou te falar porquê. Não tinha nenhuma condição, a possibilidade dele matar o pai da Cida, que é o (Trecho Incompreensível) Boaventura, é zero! Ele era um homem calado, pacífico, pacífico, aquela pessoa com uma conversa mansa, de paz. Sabe? Então assim, o assassinato do pai da Cida é uma coisa que me intriga muito na vida. Por que matou o seu Júlio? Olha, eu gostaria, se você pudesse, você ir lá ver por causa do quê que ele matou. A casa que o pai da Cida morava, o piso era assim, voltado pra dentro assim. Então, se eu botar uma bola lá em cima, mora num despenhadeiro, num despenhadeiro tão grande, mas tão grande, que quando nós íamos pra lá, o Tião não deu conta de descer a serra em pé. Sentou e saiu arrastando a bunda no chão. Matar uma pessoa por causa de uma coisa daquela, ou uma

peessoa morrer por causa de uma coisa daquela, mas matar é muito pior. Aí vem a coisa pior: foi a condenação dele. Dar uma cesta básica por mês, durante seis meses. E tem uma coisa assim, de revoltante, sabe? Eu sinto muita revolta quando eu lembro disso. Até que a mãe da Cida é diferente, porque a mãe da Cida fala, fala, fala. Ela tem a língua boa, sabe? E fala, ela é muito inteligente, articulada, ela fala. Mas seu Júlio, não. Se ele tivesse se irritado com a mãe da Cida e isso tivesse acontecido com a mãe da Cida por causa de briga verbal, que vai indo, a pessoa perde o controle na discussão verbal, se fosse uma coisa dessa...